

Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos a edição número XIII/2020 da *Revista Cadernos de História*, publicação do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (DH/UFPE). Nesta oportunidade, o dossiê *Arte, Cultura e História*, que ora organizamos, reúne artigos redigidos por pesquisadoras e pesquisadores, notadamente historiadores, em diferentes estágios de formação e atuação, que elegem diversas linguagens artísticas ou bens culturais para análise a partir de diversas perspectivas teórico-metodológicas em diferentes recortes temporais que resultam num panorama rico e multifacetado. Tais artigos evidenciam quão rica é a produção de conhecimento contemporânea que emerge de encontros, e desencontros, entre Arte e História.

A proposta para a organização deste dossiê emergiu das atividades realizadas pelo *Afrika'70 – Grupo de Estudos em História da África Contemporânea* (DH/UFPE). Desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão, o *Afrika'70* busca discutir história política e cultural a partir de uma abordagem que privilegia a análise de produções intelectuais e artísticas, no século XX, no Brasil e em determinados países africanos, aprofundando aspectos da História da África e da História e Cultura Afro-brasileira.

Nas primeiras décadas do século XX, as artes e culturas negras estiveram no centro do movimento da *Negritude*. Com uma proposta estética inovadora, intelectuais, escritores e artistas concatenavam africanos e afrodescendentes – os povos negros do mundo, para o enfrentamento da condição colonial.

Se a Negritude não foi um impasse, é porque ela nos levava além. Aonde ela nos levava? Ela nos levava a nós mesmos. E de fato, era – após uma longa frustração –, era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio de obras de arte, a fulguração intermitente de nosso possível devir. (CÉSARIE, 2010, p. 110)

Estas palavras, enunciadas quase cinquenta anos após a publicação do poema-manifesto *Caderno de retorno ao país natal* [1939], fazem parte do último grande discurso de Aimé Césaire. Dentre os diversos aspectos que, naquela oportunidade, o grande poeta da *Negritude* reafirmava, destacamos este trecho que conecta diretamente a força que as artes assumiram naquelas décadas que culminariam em eventos decisivos no mundo. Estamos retomando aqui a sensibilidade, engajamento e ousadia daqueles e daquelas que, mobilizando-se esteticamente e politicamente, filosófica e ideologicamente, ousaram desmontar uma história colonial e propor uma história nova, em descolonização.

Um novo futuro para os povos negros do mundo dependia da reconstrução do passado até então obliterado por narrativas construídas em favor da história dos escravistas e colonizadores. De modo que, não seria exagero afirmar, que a proposição de mudanças dependia – e depende - da capacidade de imaginação.

Em se tratando da história da África, é indispensável refletir como artistas e suas produções artísticas, apresentadas nas mais diversas linguagens, jogaram um papel fundamental, tanto na resistência à dominação colonial europeia quanto no questionamento das concepções coloniais que atestavam a-historicidade dos povos africanos e justificavam sua subalternização. Movimentando-se para a conformação de propostas estéticas inovadoras, mulheres e homens das artes estiveram presentes nos movimentos de independência e descolonização, na afirmação e problematização dos estados nacionais, em festivais, em guerras civis, com movimentos sociais, com suas comunidades ou isolados, promovendo dinâmicas e reflexões em meio às sociedades africanas contemporâneas (SOYINKA, 2010; MOORE, 2010; CÉSARIE, 2010).

Artistas africanos e afrodescendentes estiveram presentes ativamente na construção de mudanças culturais, políticas, institucionais e educacionais durante o século XX. Neste sentido, destacamos a expressiva participação em grandes eventos internacionais, a citar, o *I e II Congresso Internacional de Escritores e Artistas negros* (PARIS, 1956; ROMA, 1959), o *I Festival Mundial de Artes Negras* (DACAR, 1966) e o *II Festival Mundial de Artes e Culturas Negras* (LAGOS, 1977). Importante ressaltar que se diversos artistas se aproximaram de instituições acadêmicas, culturais ou propriamente do poder político, outros mantiveram seus trabalhos artísticos bem distantes dessas instituições (MOORE, 2010). A investigação dessa atuação e produção artística é fundamental para ampliar a compreensão de importantes processos históricos que se desenrolaram no século XX.

As relações entre *Arte, Cultura e História*, sem dúvida, vêm de longa data. As possibilidades de abordagem e análise, contudo, vêm avançando sensivelmente nas últimas décadas à medida que os historiadores e historiadoras têm renovado seu interesse e disposição para a produção da história, seja social, cultural ou política. Mobilizados por questões cuja complexidade requer um avanço cada vez maior no mundo dos artistas e suas diferentes linguagens, pesquisadores têm investigado suas dimensões políticas,

estéticas e simbólicas, suas dinâmicas de produção, seus processos criativos, recepção, circulação, redes e repercussão em determinados contextos e recortes cronológicos.

Pelo menos 13 simpósios temáticos, de um total de 113 simpósios ativos, no 30^a Simpósio Nacional de História (RECIFE, 2019), abordaram aspectos relacionados às artes e cultura e suas conexões com a história, considerando ora linguagens bem específicas como Teatro, Música ou Literatura, ora discussões mais amplas ligadas aos processos de patrimonialização de bens culturais ou experiências com ensino¹. O número e a variedade de pesquisas ali apresentadas evidenciam avanços em temas já consolidados na historiografia brasileira, a citar, por exemplo, o Simpósio Temático 03, *A cultura e as artes na ditadura militar*, e o Simpósio Temático 059, *História e Música Popular*. Registram novidades, a exemplo do Simpósio Temático 19, *Artes, artistas e intelectuais na África e na diáspora: trânsitos coloniais e pós-coloniais*, e também lacunas, a exemplo das artes indígenas que não conformam, ainda, um simpósio específico.

O interesse renovado dos historiadores e historiadoras, e demais profissionais das ciências humanas e sociais, em se debruçar sobre o potencial criativo humano de outrora e de hoje, está diretamente relacionado a necessidade de recolocar política e culturalmente, simbólica e esteticamente, personalidades, grupos sociais e políticos historicamente perseguidos, violentados, incompreendidos, invisibilizados, subalternizados. Artistas e suas artes são testemunhos particulares do tempo. São especiais exatamente porque se esforçam para a construção de canais de diálogo e reflexão que não precisam ter, necessariamente, conexões com roteiros, caminhos e produções e produtos pré-estabelecidos. Não é à toa que, via de regra, experimentam relações tensas com instituições e poderes estabelecidos, desembocando, muitas vezes, num reconhecimento questionável, em silenciamentos e/ou repressão à medida que desestabilizam conceitos fundamentais nos quais a sociedade se assenta.

Em atos de anúncio e denúncia, artistas podem mobilizar imaginação, criatividade, fruição e, simultaneamente, questionamentos, resistência, contestação, estimulando reflexões, sentimentos e sensações que, muitas vezes, sequer são compreendidos no tempo em que são produzidos. Daí a importância de profissionais da história se debruçarem sobre personalidades e produções artísticas, retomando a

¹ Ver site do 30^o Simpósio Nacional de História da ANPUH. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/simposio/public>. Acesso em: 12 jan. 2021.

complexidade de suas obras e histórias de vida, que podem corroborar de maneira inovadora para compreensão de questões há muito investigadas pelas humanidades.

Martha Abreu, Carolina Dantas e Amílcar Pereira, ao construírem biografias que compõem a Coleção *Personagens do pós-Abolição: trajetórias e sentidos de liberdade no Brasil republicano*, contemplaram dois músicos, respectivamente, Eduardo da Neves e Paulo Silva (ABREU; DANTAS, 2020; PEREIRA, 2021). Ambos os livros aprofundam a investigação da história da população negra no Brasil e, entre as estratégias para a conquista de direitos e construção da cidadania nas décadas do pós-Abolição, devemos também destacar as trajetórias e produções artísticas. Por seu turno, Lia Laranjeira revelou como a história política recente de Moçambique não pode ser compreendida sem uma análise acurada do papel da escultura makonde e da “atuação dos *guerrilheiros-escultores* na luta de libertação do país e a sua produção em meio aos combates das tropas coloniais” (LARANJEIRA, 2019, p. 16).

Nestes novos esforços para o fomento de uma produção histórica em diálogo com as artes, é importante destacar que expressões artísticas não são apenas tomadas como objetos de análise. Tem se construído uma interação mais estreita entre historiadores e artistas. O projeto artístico da *Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras* [2021], recentemente publicado por Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwartcz, mobilizou 36 artistas negros para a construção de um caderno de imagens que apresentam personalidades negras da história brasileira bem distante de representações associadas às opressões que viveram. Na literatura é indispensável citar o trabalho e pesquisa e diálogo com a historiografia realizado por Ana Maria Gonçalves para a produção de *Um defeito de cor* [2006].

E, avançando numa perspectiva multidisciplinar, a construção de intervenções e produtos artísticos têm se revelado uma importante possibilidade de construção de conhecimento histórico. Mais ainda, beneficiando-se das múltiplas habilidades, não é raro que historiadores e historiadoras também venham se afirmando como artistas, curadores e produtores culturais trabalhando simultaneamente arte e história em processos de pesquisa-criação, a exemplo do historiador e músico Salomão Jovino da Silva, da historiadora e curadora cinematográfica Janaina de Oliveira, do historiador e literato moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. Neste ponto, destaco a trajetória de Bell Puã (Isabela Puente), que tomando os manguezais da cidade do Recife como elemento

fundante de sua obra, se dividia entre pesquisas no *nosso* departamento e suas ações como *slamer*, poeta e cantora. Mutuamente, artistas mantêm seu interesse na história buscando maior especialização na área e promovendo trabalhos diretamente conectados com discussões históricas, caso da artista visual, pesquisadora e educadora Rosana Paulino, do ilustrador e quadrinista Marcelo D'Saete, da cantora norte-americana Michaela Harrison.

Nosso dossiê se inicia com uma revisão da história a partir do cinema. No artigo *(Re)Visões de África no cinema: singularidades de uma história plural*, Jonas do Nascimento busca contribuir para uma revisão da história africana abordando continuidades e descontinuidades da produção audiovisual africana nas últimas décadas. Para tanto, toma a produção cinematográfica ao mesmo tempo como produto e produtora de histórias, a fim de compreender como o continente africano e sua população têm sido imaginados e reimaginados em diferentes momentos da história recente.

Yuri Manuel Francisco Agostinho apresenta *A arte e a história vistas por dentro da exposição Paradigma ano zero, alvorecer da arte como resistência*. O autor analisa cinco obras exibidas na referida exposição, realizada em 2018 por estudantes do curso de Artes Visuais do Instituto Superior de Artes – ISART, em Luanda. “Que tipos de histórias estão por detrás da composição das obras?” (AGOSTINHO, 2021, p. 35) foi uma das questões que o mobilizou de modo a enveredar por discussões acerca dos trânsitos, manifestações e criatividade. As obras revelam processos de criação e pesquisa em arte ao tempo que discutem aspectos da história contemporânea de Angola.

A influência dos tecidos africanos na moda afro-brasileira do Recife, apresentado por Laura Maria de Melo Sarmento, evidencia redes e conexões que ligam Senegal e Brasil, Dakar e Recife, através da trajetória contemporânea do estilista senegalês Lassana Mangassouba e seu trabalho com tecidos senegaleses. Interessada no estudo da história da moda e do uso das roupas, seu texto destaca como relações contemporâneas com o continente africano contribuem para a uma renovação da estética das populações negras e oferecem novos elementos para valorização da história e cultura afro-brasileira.

Nosso dossiê conta com a contribuição de textos que resultam da interação entre historiadores e artistas. *Fugindo novamente: fragmentos da memória e representações artísticas de histórias de escravidão e liberdade* trata-se de um relato de experiência detalhado e consubstanciado, no qual Bruno Rafael Vêras e Pablo Parra descrevem um

produtivo encontro entre um historiador e um artista visual. O objetivo principal foi criar ilustrações para personalidades que tiveram sua vida marcada pela experiência da escravidão. Após uma imersão em *workshops* coordenados por Vêras que, reunindo diferentes pesquisadores, buscaram aprofundar o estudo da história de cinco diversas personalidades negras, Parras pôde criar uma série de cartazes que representam visualmente personagens que fogem, agora, de representações equivocadas associadas a ex-escravizados.

Kerolayne Correia de Oliveira, trabalhando simultaneamente suas habilidades como fotógrafa e como historiadora em formação, apresenta *Imagens públicas da vida privada: estereótipos e ficções na construção das fotografias domésticas (1890-1955)*. Seu trabalho busca analisar como imagens fotográficas que representam famílias, mesmo produzidas em diferentes épocas, perpetuam diversos modelos comportamentais, ritualísticos, patriarcais e capitalistas, difundindo ideologias que corroboram para cristalizar os papéis de gênero.

Os limites da história são testados por uma obra artística, conforme nos apresenta Victor Vitória de Barros Correia no artigo intitulado *Memória, trauma e testemunho em Maus: a história de um sobrevivente*. Ao analisar o livro de quadrinhos, de autoria de Art Spiegelman, que trata de memórias traumáticas resultado da experiência vivida por seu pai num campo de concentração em Auschwitz, Victor envereda por uma discussão sobre história e memória, evidenciando como as construções teórico-metodológicas da história se revelam insuficientes para dar conta de memórias traumáticas.

Em *O cotidiano do campesinato pelas representações zodiacais em Livros de Horas*, Marcos Jorge dos Santos Pinheiro busca analisar imagens produzidas no período Baixo Medieval, discutindo representações presentes no *Livro de Horas, Uso de Roma* [1510], proveniente da França. Para tanto, estabelece como questão: “Como poder-se-ia entender o Medieval, no qual mais de 90% da população era analfabeta, sem a investigação das (auto)representações simbólicas e imagéticas que caracterizam sua *Arte*?” (PINHEIRO, 2021, p. 154). Sua discussão aponta para rotineira cultura agrícola e para as mitologias regentes no imaginário do homem medieval.

Em *O autor enquanto ficção de sua própria obra: o caso do português Castro Soromenho (1910-1968)*, o historiador Cássio Santos Melo analisa aspectos da trajetória de vida e da obra do autor de Terra Morta. O romance é analisado por trazer questões

consideradas paradoxais, já que não se tratava de um texto de propaganda colonial, como outros anteriores, mas também não era considerado literatura portuguesa. De acordo com Cássio Melo, Soromenho se esforçava para ser desvinculado de seu trabalho colonial, mesmo que reivindicasse em sua literatura a autoridade de alguém que nasceu e viveu em terras africanas.

Matheus Henrique da Silva Lima apresenta *Não espere um méssias para libertar-se: a palavra como instrumento de luta no caderno “Poesia de Combate” da FRELIMO*. Seu texto aborda como a produção literária foi mobilizada enquanto instrumento revolucionário e espaço de resistência diante de um cenário de lutas para a emancipação do domínio colonial português. Diversos militantes pela independência de Moçambique, na segunda metade do século XX, que integravam a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), vão produzir o caderno “Poesia de Combate” com estética e ideologia pela descolonização.

Rafael Oliveira Sousa no artigo, *Colonialismo e cultura: o passado imperialista francês e o Charlie Hebdo*, discorre sobre os perigos de abordar expressões artísticas desvinculadas de seu conteúdo violento e preconceituoso, mantidas sob o rótulo de liberdade de expressão. Para abordar as charges que representam muçulmanos no semanário francês *Charlie Hebdo*, entre 2014 e 2018, o autor retoma a história da colonização francesa na Argélia, da guerra de libertação promovida pelos povos argelinos e o marco que tal derrota impôs à França. Para o autor, as charges que desrespeitam fundamentos preconizados pelo Islã e representam de maneira depreciativa seus praticantes, têm o objetivo de violentar as pessoas oriundas desses territórios ex-colonizados que vivem contemporaneamente na França.

Glauber Paiva da Silva investe em práticas e representações de festejos marcantes em estados do nordeste brasileiro. Seu artigo, intitulado *Nos caminhos da folia: descobrindo as experiências festivas na musicografia de Jackson do Pandeiro*, elege diversas composições - autorais ou não - que compõem o repertório musical do referido cantor e compositor. Analisa aspectos históricos e culturais de experiências festivas destacadas, abordando variados ritmos musicais como o samba, o baião, o rojão, o maracatu, o frevo e o xaxado e diversos festejos como o Bumba-meu-boi, o reisado, o São João e a festa de Cosme e Damião.

É neste mesmo sentido que Gleice Linhares de Azevedo apresenta o seu artigo *Entre arte e história: o sertão na pintura do artista paraibano Thales Kelven*. Ao eleger quatro telas contemporâneas, em estilo Naif, do referido pintor, a autora busca destacar elementos que corroboram na argumentação de um sertão cuja representação é marcada pelo saudosismo e idílico. Para a autora, “as obras do artista mencionado são sentimentos pintados nas telas em forma de lembranças, das práticas culturais e tradicionais do sertão, das vivências singulares neste espaço geográfico” (DE AZEVEDO, 2021, p. 261).

Ambos os autores, Glauber Silva e Gleice Azevedo, apresentam aspectos de pesquisas ainda em fase inicial e revelam o quão necessárias são as análises que cruzam elementos da história de vida de artistas com suas obras. Tanto Jackson do Pandeiro [1919-1982] quanto Thales Kelven, ambos paraibanos, são analisados à luz de discussões que destacam suas práticas artísticas como representativas do nordeste brasileiro. Os autores não avançam - ainda - em discussões que problematizem de modo mais acentuado essas representações do Nordeste que buscam valorizar. Acaso compactuam com o saudosismo e tom memorialístico apontado nas obras de Kelven?

Encerramos o dossiê com Marta Gabryella da Silva Nogueira. Em *A historiografia do popular: caminhos para o estudo das práticas culturais*, a autora faz um apanhado das discussões e autores que norteiam estudos cultura na história. Para tanto, retoma o percurso que a História Cultural experimentou ao longo do século XX e apresenta a contribuições de diversos autores, entre os quais destacamos Sandra Pesavento e Stuart Hall.

Esta edição dos *Cadernos de História* finaliza com três artigos com temas livres. A construção do ensino superior na Guiné-Bissau é tema do artigo de Arnaldo Sucuma, intitulado *O ensino superior na era moderna: processo de construção política e histórica do ensino superior na Guiné-Bissau*. Para compreendermos o panorama contemporâneo e os desafios das instituições de ensino superior que vieram a ser estabelecidas nas últimas três décadas neste país do oeste africano, Sucuma reconstrói a trajetória educacional no continente africano, debate as diferentes concepções de educação superior e avalia as dificuldades educacionais básicas impostas a um país cuja independência política foi conquistada há poucas décadas.

Alexandre Sebastião dos Santos Francisco traz suas considerações acerca das *Representações sociais e estratégias quotidianas de jovens “lavadores” de carro no*

Largo António Jacinto em Luanda. Através de um trabalho de campo num movimentado largo do centro de Luanda, cidade capital de Angola, o autor reflete sobre a organização e estratégias de sobrevivência do heterogêneo grupo que desenvolve essa atividade informal. Suas observações contribuem para uma melhor compreensão das experiências de vida desses jovens que, estigmatizados como também são de modo geral as atividades realizadas na informalidade, desenvolvem suas sociabilidades permeadas por solidariedades e tensões, bem como estratégias para garantir o sustento próprio e de suas famílias.

Esta edição dos *Cadernos de História* finaliza com o artigo de Adriana Gomes, *A liberdade religiosa dos espíritas nos jornais cariocas: os debates entorno da criminalização do espiritismo na Gazeta De Notícias, Reformador e Jornal Do Commercio*. Os jornais são a principal fonte de análise da autora que investe nos múltiplos argumentos levantados contra e a favor da criminalização do espiritismo no final do século XIX. A existência um artigo específico no Código Penal brasileiro de 1890 que criminalizou e estabeleceu penas específicas para aqueles que praticassem o espiritismo se deu após um intenso debate que reverberou nos jornais da então capital do país. Desconsiderando o posicionamento da Federação Espírita Brasileira, a criminalização pautou-se no entendimento que tais práticas eram perniciosas, cerceando o direito à liberdade religiosa.

...

A *Revista Cadernos de História* do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, ao tempo em que apresenta o dossiê *Arte, Cultura e História*, faz uma homenagem à cirandeira pernambucana Lia de Itamaracá (Maria Madalena Correia do Nascimento), nossa *doutora honoris causa*. A capa é assinada pelo ilustrador Luang Senegâmbia.

Um agradecimento especial às dezenas de pesquisadores, pesquisadoras e artistas que contribuíram para a construção desta edição. Nestes tempos de acirrada pandemia do *Covid-19* e de dificuldades de toda ordem na universidade brasileira, todos temos envidado esforços para manter o compromisso com a produção de conhecimento.

Luiza Nascimento dos Reis

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina. *Monteiro Lopes e Eduardo das Neves: histórias não contadas da primeira república*. Niterói: EDUFF, 2020. (Coleção Personagens do pós-Abolição: trajetórias e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 1).

CESAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

GOMES, Flávio; LAURIANO, Jaime; SCHWARTZ, Lilia. *Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LARANJEIRA, Lia. *Mashinamu na Uhuru: arte makonde e história política de Moçambique (1950-1974)*. São Paulo: Intermeios, 2018.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PEREIRA, Amílcar. *Paulo Silva: um contraponto nas relações raciais no Brasil*. Niterói: EDUFF, 2021.

SOYINKA, Soyinka. As artes na África durante a dominação colonial. In: BOAHEN, Albert Adu (ed.). *História Geral da África - África sob a dominação colonial 1885-1930*. vol. VII. Brasília: UNESCO, 2010, p. 625-656.